



FHE **POUPEX**

GENERAL JOSÉ LEOVIGILDO ALVES PAIVA NO CONTESTADO



Coronel Eng Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista. Natural de Canguçu-RS. e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. 1971-1974. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 . Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1980. Resgatou a História de seu berço natal Canguçu, em especial em vários livros e artigos e em seu livro Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de memória comunitária. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007, cujas capas são de autoria de seu filho Capitão de Mar- e- Guerra Carlos Norberto Stumpf . E Correspondente do Instituto Histórico São Luis Gonzaga e autorm em pareceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Sargento Carlos Fontes da História da 1ª Brigada C.Mec. Brigada José Luiz Menna Barreto. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2010

Artigo digitalizado para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahitb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim a AMAN , e em levantamento para colocá-la no Pergamium

GENERAL JOSÉ LEOVIGILDO ALVES PAIVA, NO CONTESTADO

Leovigildo Paiva comandou, como major e tenente-coronel no Contestado, durante oito meses, um Destacamento de Cavalaria de 10 oficiais, 298 graduados e soldados dos 4º, 5º e 6º Regimentos de Cavalaria (Itaqui, São Luis Gonzaga e São Borja, respectivamente).

Ele é estudado no tocante à sua vida e obra no livro do Cel Dilermando de Assis que com ele serviu: Assis, Dilermando de, General. José Leovigildo Alves Paiva – **o De Brack Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1948.

Obra com prefácio do amigo e admirador do General Leovigildo, em 1931, o General Alfredo Malan D'Angrone, e complementado em 1948 pelo então Coronel Carlos Flores de Paiva Chaves, genro do General Malan D'Angrone.

Foram ambos chefes que abordamos. Chefes que abordamos: o General Malan D'Angrone na **História da 3ª RM**, v. 2, p. 183/186. Ele foi biografado por seu filho o Gen Ex Alfredo Souto Malan, patrono de cadeira na FAHIMTB em seu livro **Uma escolha um destino**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1977.

O segundo, o Gen Paiva Chaves, na obra **História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada José Luiz Mena Barreto**, às p. 116/112, como comandante daquela Grande Unidade e patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santiago do Boqueirão.

O General Malan D'Angrone assim descreveu o General Leovigildo:

“Há soldados assim. Perpassaram pela vida militar numa trajetória retilínea , mas inflexível, no mesmo andar compassado e rígido com que a iniciaram e nunca se lhes apercebeu uma hesitação, um proceder dúbio ou incerto. A carreira do soldado antigo era singular pela simplicidade quase pobreza, o caráter que se diria haverem feito votos de fragilidade e de obediência, era indelével e firme... para estes abnegados silenciosos, servir era ato de obediência ou de comando e no serviço da Pátria, o sacrifício era um gozo. Leovigildo Paiva foi um desses soldados antigos, arredios e altivamente resignados, almas rijas, lascadas no duro sílex fronteiriço. Soldado dessa dura época, em que desde o madrugalar acinzentado até a hora melancólica do Trindade, mantinha contato com a caserna. Dar o exemplo foi sempre a silenciosa e severa resposta de Leovigildo Paiva. No Contestado comandou um Destacamento dos 4º, 5º e 6º Regimentos de Cavalaria de 10 oficiais e 298 homens. A ação de comando contrasta com a sua tropa, revelando uma atitude incomparável. É digna de atenção segundo o General Setembrino, a brilhante iniciativa do major Paiva. Sem ambulância, sem barracas, quase sem munição, montados os seus homens em péssimos cavalos, por trilhas, quase impraticáveis de um sertão asperíssimo, compreende-se o quanto se exigia de coragem pertinência e valor...O major Paiva explora, reconhece, estabelece comunicações, recompõe linhas telegráficas e inspira confiança nos moradores que iniciam o regresso aos lares.” 1 •
E cumpriu e fez cumprir esta proclamação aos revoltosos:

“A força a meu comando não maneja o facão do assassino. Respeita e quer que se respeite a propriedade, mesmo abandonada, e nenhuma pressão consente que se exerça sobre o cidadão, qualquer que seja as suas crenças, sua política, sua fé, seu passado...”

Ao retornar ao seu quartel em São Luiz das Missões, assim recordou a jornada do Contestado o, então, Ten Cel Leovigildo aos seus comandados:

“Atroses foram nossos padecimentos. Quando a nossa situação se agravava com a fome e vos proclamava eu fui por vós compreendido que no serviço da nação o sacrifício é um gozo. Mas nunca podereis dizer que não vos comandeí pelo exemplo. Os perigos que enfrentastes e as missões que sofrestes, foram os riscos que também corri, as penúrias que suportei. Na boa ou na má fortuna sempre ao vosso lado estive e vós ao meu lado...”

Cinco anos depois do Contestado ficou viúvo, pediu reforma, construiu em frente da sepultura da esposa uma casinha de madeira, onde findou seus dias e foi sepultado junto a ela.

Segundo seu biógrafo, o Coronel Dilermando de Assis:

“Leovigildo era alto, magro, escuro, traços fisionômicos enérgicos, rigoroso aprumo militar, perfeita integridade física, embora claudicasse, depois que ferimento em combate lhe tirou a sensibilidade de um joelho, sua figura era impressionante, cultuava a Justiça e a distribuía a seus comandados por vezes rigorosa e extrema, mas bem pensada e certa. Era sereno e imparcial distribuidor de justiça, condenava o jogo e a embriaguez e o peculato que nivela o soldado ao gatuno. A Cavalaria do seu Regimento merecia-lhe cuidados e carinho especiais, cavalariano de raça que era e lídimo Gaúcho”.

Segundo o Cel Carlos Flores de Paiva Chaves:

“O General Paiva foi um soldado de alta estirpe dos grandes generais da Cavalaria rio grandense.” A sua adjetivação de o **“De Brack Brasileiro”** no título do trabalho do Cel Dilermando de Assis, teve origem em título de artigo do General Malan D’Angrone na **Revista Militar Brasileira** nº 3, Set 1930. De Brack era o general de Napoleão Antoine Fortuné de Brack (1760-1850), especialista em Cavalaria e autor da obra **Postos Avançados de Cavalaria Ligeira** e comandante, em 1840, da Escola de Cavalaria de Saumur. Creio que dele tenha tomado conhecimento o então Major Malan D’Angrone, quando Adido Militar na França e ligado à contratação da Missão Militar Francesa, cuja história foi resgatada por seu filho, patrono de cadeira na FAHIMTB, o Gen Ex Alfredo Souto Malan, como Chefe do Estado-Maior do Exército, para o que muito cooperamos como membro da Comissão de História do Exército do EME.

E, segundo Dilermando de Assis, Leovigildo nasceu no interior de Bagé, em 20 Ago 1866, no 2º ano da Guerra do Paraguai. Foi Praça voluntário aos 15 anos no 5º Regimento de Cavalaria. E por seu valor, foi galgando sua modelar e inspiradora História. Cabo de Esquadra em 1º Dez 1881, Furriel (3º Sgt) em janeiro de 1882, 2º Sgt em 2 Ago 1882, 1º Sgt graduado em agosto de 1883. Em 6 Abr 1884 foi matriculado na Escola Militar. Pediu

trancamento de matrícula por discordar de seus colegas em uma demonstração de apreço (por interesse) ao Conde D’Eu e Princesa Isabel, com vistas a deles obterem benesses. Terminou trancando matrícula e retornou ao seu 5º RC em maio de 1886. E em setembro foi promovido ao posto de Sargento-Ajudante do 5º RC. Sua conduta exemplar levou seu comandante e colegas a pleitearem sua promoção ao oficialato, o que teve lugar em 27 Abr 1889.

Foi promovido a capitão, tendo antes casado com Maria Tereza Gonçalves, de cujo consórcio nasceram 3 filhas e 1 filho. Seu elogio destacou invejáveis qualidades de cidadão e soldado, sua alta capacidade, energia e circunspeção.

Na Guerra Civil (1893-1991), denominada Revolução de 93, resultado da revolta conjunta da Armada e da Federalista, combateu esta em Bagé, integrando a guarnição ao comando do Cel Carlos Telles e atuando junto à Igreja de São Sebastião, numa resistência épica de 46 dias.

Episódio que abordamos na **História da 3ª RM**, 1889-1953.v.2, p. 97/117. Dali, seguiu para Rio Grande para fazer frente ao ataque e conquista parcial daquela cidade pelo Almirante Custódio de Mello, episódio que abordamos na obra citada às páginas 118/126, e no qual o 1º Ten Paiva foi ferido a bala de fuzil no Passo do Valente. E seu prestígio aumenta e vai servir de Secretário e Assistente de seu ídolo, o pelotense General José Marinho da Silva, intrépido chefe de Cavalaria.

Em 14 Jan 1903 foi promovido a Capitão (aos 36 anos) e, em 23 Ago 1911 foi promovido a major por merecimento. Em 1915, em plena Campanha do Contestado, foi promovido a tenente-coronel por seu enorme valor em plena Campanha do Contestado. Sua atuação no Contestado é abordada em detalhes pelo Cel Dilermando às p. 64/89. Foi reformado como general em 12 Jul 1920, quando no comando da 1ª Brigada de Cavalaria em São Borja.

Foi nesta função que o encontrou em 1919 meu avô, Cel da GN Genes Gentil Bento, como Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, enviado pelo Presidente do Estado Dr. Borges de Medeiros, em desempenho de função oficial em São Borja, acerca de um pedido de desaforamento de um julgamento. E em seu relatório, constante de seu Arquivo Pessoal sob a guarda da **Academia Canguçuense de História,(ACANDHIS)** lá encontrei a opinião assinada do então Coronel Leovigildo sobre o pedido de desaforamento.



Escola Genral José Leovigildo
Paiva em São Luiz Gonzaga em